

## Filosofia no Brasil

Legenda: entre *colchetes* = inclusão de termos ou expressões não presentes nas anotações de caderno; entre *parênteses*: idéias isoladas e curtas ou fragmentadas.

**03 - 03 - 1998**

Pensamento *do* Brasil ou *no* Brasil?

O pensamento se vincula à história dos países.

A filosofia se distingue pelo *locus nacional*, pelo lugar de onde ela brota. Ex.: o empirismo e a Inglaterra, o racionalismo francês. A história das duas filosofias é uma história de confronto.

As filosofias, então, não são universais? Ficaria nulificada a idéia a noção de que a *universalidade* é intrínseca ao filosofar? Como podemos ligar a *universalidade* a um *locus*?

– [Chasin] está criticando a *questão* da universalidade mas sem abrir mão da universalidade.

Essas questões são muito mais complicadas do que as *Histórias da Filosofia* nos narram.

Olha que a questão dos *universais* é muito mais antiga: antes da França, da Inglaterra, etc.. Aristóteles, Platão.

O problema da universalidade. Todos os países pretendem que a sua filosofia seja universal.

O fato é que o pensamento brota num lugar, devido às necessidades e às condições favoráveis para filosofar, e os outros o adotam.

Filosofia no Brasil: teremos de ver parte de certas correntes que foram cultivadas aqui e que vieram de outros países. Se essa prática é amadorística ela é ruim. Pensar os filósofos porque gosta-se de filosofia: diletantismo. *Esses curiosos refletem pelo lado da literatura ou dentro do âmbito político*. Filosofar é descer a fundo em análise do literário ou da política ou do direito. Dimensão pueril, leviana, traquinagem. são amadores no sentido mais claro do termo. Eles não lidam com esse material nem como um pré-socrático. É claro que eles poderão ter certas intuições. O Bergson brasileiro (o cearense).

– A Escola de Recife

– Os positivistas do Rio Grande do Sul.

50, 60 anos atrás: os amadores

anos 60: os profissionais (as equipes acadêmicas, os grupos departamentais das diferentes universidades não têm mais que ¼ de século. O que é esse profissionalismo? A assimilação das correntes que brotam de outras partes ou atitude dinâmica a partir delas).

Na filosofia, assimilar sem repetir é impossível.

O filosofar é uma necessidade histórico-social

A filosofia é um modo de pensar, modo de dizer (definição mais universal). O Brasil não inventou nenhum modo de dizer.

A filosofia é tudo, menos pura. Ela inclui o *interesse*.

**Rigor e Radicalidade** (chegar às raízes de um tema com o máximo de rigor possível).

Não se deve confundir Crítica Literária com Estética;

não se deve confundir Crítica Política com Investigação Sociológica.

Crises. Mal-estar: quando há crises, o apelo à filosofia é maior. Ex: de 50, 40 anos para cá. Espera-se dela uma resposta, mas é uma ilusão esperá-lo. A filosofia ultimamente cada vez mais procurada. Objetiva-se resolver os problemas com ela. Não é nenhum mal procurar a filosofia assim. É só um problema. Não é a *solução*.

**O alvo da filosofia é a reprodução mental do real, do efetivo, da efetividade que está aí.**

Filosofia: necessidade de saber, porque sem conhecer, sem saber não há vida humana. A filosofia é uma reflexão de rigor que nos fala de onde para onde do homem em sua mundaneidade (que não é a [pura] natureza). Esse plano é violentamente abstrato porque compreende exatamente tudo. Para Hegel, o todo é que há de mais concreto}. **O homem não vive na natureza. Ele vive na esfera da sociabilidade, que o coloca em contato com a natureza. Ele se coloca em relação com a natureza através da sociabilidade.** Portanto, a filosofia nacional é a filosofia de um dado momento de ordenação do humano, já que a filosofia trata da efetividade, do real, do mundo. E o contato do homem com o mundo é permeado pela sociabilidade.

A crise mais global hoje é: a humanidade está mudando de registro, as nações estão se dissolvendo. Globalização.

Analítica Paulista: Giannotti.

Domina no país a forma de ver o Marx de Fernando Henrique e do Giannotti, o que é uma lástima. A analítica Paulista (1958: Seminário sobre O Capital). Eles se tornarão o eixo das categorias sociológicas do país. Serão até mitificados. Desde os princípios da década de 70, FHC não é um pensador marxista nos fundamentos da filosofia do próprio Marx. É uma falácia: FHC não é um político de esquerda. O erro é a forma de abordar o Marx. Descartando o que eles chamam de "o universo ontológico do trabalho", eles descartam a dinâmica da sociabilidade do trabalho. Portanto, não há alternativa para o trabalho. Fica descartada a superação do capital. Na década de 80, eles estavam convencidos disto. Eles achavam que a teoria do trabalho faliu.

Pensar o Brasil: em parte a analítica paulista e acontecimentos {globalização}, etc..

FHC, Giannotti: exclusão do universo ontológico de Marx, ontologia do social.

06 - 03 - 98

INTRODUÇÃO – QUESTÃO DO FUNDAMENTO

O objeto vai esbarrar em questões de ontologia e questões de epistemologia. Natureza e Sociedade

A intenção não é fazer uma crítica dos fundamentos. O objetivo é balançar o coreto. A questão do fundamento nos afasta do saber mais do que nos instrui.

Quando eu tenho diante de mim algo sobre o qual farei interrogações, toda vez que eu quero saber de algo (o objeto), o que ocorre? Que perguntar ao objeto em primeiro lugar? O que é melhor para eu explicar o objeto é o que me interessa no objeto. É o que eu quero conhecer no objeto. Eu posso ter  $n$  formas de relacionar com o objeto. E todas elas têm uma parcela de cognição.

O nosso objeto de estudo será o texto filosófico. Qual é a natureza, o estatuto de um texto? Todo texto está ligado a uma lógica própria, a um modo de fazer. Ao se perguntar pela sua natureza, está se perguntando pelo seu fundamento. Uns dizem que o estatuto deve ser epistêmico ou lógico ou gnoseológico ou metodológico. Para isso eu teria que esclarecer o problema de um outro objeto: o saber. E isso através de um método que o estabelecesse. Outros dizem que não: o fundamento não está sobre uma teoria do saber, mas uma teoria do ser. Só sabendo o que é um objeto em geral é

que eu posso saber o que é um objeto específico (Aristóteles).

O que prevalece a 200 anos é o privilégio do epistemológico.

Em última análise, o que é um fundamento? Se o contraste está entre posição epistêmica e posição ontológica, a questão do fundamento então é a polêmica entre uma teoria da subjetividade (saber) ou da objetividade (ser). E isso antes mesmo de se saber o que é o objeto. Mas como eu posso falar de objetividade e subjetividade antes mesmo de saber o que é o objeto? **Isso mostra o absurdo da querela dos fundamentos.**

Aristóteles: Se eu não tiver as categorias para diferenciar o ser do que não é o ser, eu não sei nem se o objeto é legítimo ou não. O cavalo é branco. Branco (atributo) e cavalo (ser). A branquidão não é ser.

Puxamos o tapete da exigência do fundamento, seja epistêmica, seja ontológica, a questão do fundamento deve ser impugnada. O fundamento não pode estar nem num nem no outro, pois ele são já a rota de um caminho já iniciado antes. O fundamento como um a priori não é possível. [Chasin critica o apriorismo].

**14-03-1998**

Saber de onde se parte para conhecer um objeto é um dado natural. A teoria não vale por si, ela vale por seu ponto de partida. Crítica ao apriorismo na ontologia.

Coisa: Aquilo que é, aquilo que existe por si, que independe de qualquer outra relação para ser.

A teoria diz o que o objeto é, explica o objeto. Qual é a armação de fundo que a permite? Querela dos fundamentos: tem um objeto, um discurso e tento fundamentar a teoria em outra teoria, e não em um objeto. Mas uma teoria depende de uma segunda e assim ao infinito. Qual é o ponto em que a última das teorias não depende de mais nada? Se ele existir, que ponto é esse? Os dois ramos básicos possíveis para fundamento da teoria, nessa perspectiva, será gnoseológico ou ontológico. Qual a diferença entre as duas como fundamento? Teoria gnoseológica: diz dos modos de operar do processo cognitivo, como a cabeça do cientista procede. Teoria do conhecimento: teoria relativa às formas mentais do processo cognitivo. Eu tenho sempre uma teoria da subjetividade: os modos de operar do entendimento. PS: mas a razão que está em Hegel não é a subjetiva, mas a objetiva, é uma razão que está no mundo. (Mas segundo Chasin, isso não é mais epistemologia, mas ontologia). A abordagem lógica diz respeito sempre à

operacionalidade da subjetividade que está em jogo. Gnosiologia = tematização da subjetividade. Que fundamento é esse? Eu digo que o saber da subjetividade é condição do saber do objeto. Estou dizendo que isso passa a ser o fundamento do discurso sobre o objeto. Estranho: uma teoria da subjetividade como condição para termos uma teoria da objetividade. Isso é a Crítica, no sentido kantiano. O critério para a validade do objeto não é ele. E eu dou muito mais importância a isso do que ao próprio objeto que estava ali para ser explicado.

A história do fundamento gnoseológico.

Esse fundamento é uma teoria e é uma teoria prévia especulativa. É uma teoria sobre a subjetividade. Se é uma teoria da subjetividade, por onde começar?

1) Pelos dados sensoriais? Se eu começo pelos dados empíricos, o fundamento é puramente psíquico (Hume). Husserl se levantou contra isso (contra o psicologismo).

A filosofia tem a grandeza e a miséria da liberdade: ela pode fazer bobagens. Eu posso erguer um lindo castelo de besteiras. E não existe um critério filosófico [absoluto] para saber qual o caminho correto. Eu posso montar um sistema filosófico absolutamente falso. O campo está livre para isso.

2) Pela mente, inteligência, razão, entendimento, consciência? Através de Descartes? Hegel (substância como sujeito, identidade sujeito/objeto)? Kant (determinação das formas a priori do conhecimento, teoria da mente)? Temos uma teoria da mente antes de ver como a mente funciona. A experiência em Kant passa a depender de uma teoria da subjetividade. Tudo é teoria e desemboca em ESPECULAÇÃO.

3) Pela experiência. Pelo vivido. Ora, a experiência prende mais que a presença da subjetividade: é a relação sujeito/objeto

→ Aquilo com que ele vive a experiência.

Uma experiência qualquer sempre compreende espaço, tempo, os outros, etc. A experiência de mundo: conjunto de traços postos e ordenados pela subjetividade. Isso é reducionismo ontológico. Heidegger privilegiou o ser humano como ser supremo. Uma coisa é a árvore e outra é a minha experiência com a árvore. Eu não falo mais das coisas, mas de mim. Eu estou mais falando do mundo, mas de mim. É uma redução ontológica. Por ironia, é aqui que teremos a passagem do gnoseológico para o ontológico. Isso é reduzir o mundo às possibilidades da subjetividade. Essa é a crise do pensamento. Ora, isso não é conhecer o mundo. É um falso problema. Eu crio uma solução ou invento e ela dá com os burros n'água. Essas são as críticas ao fundamento enquanto gnosiologia. Critica-se não saber, mas a fundamentação gnoseológica do

saber. Teoria da objetividade quimérica. Quando a fundamentação é de caráter gnoseológico, os problemas são mais profundos. A impugnação se refere ao fato sobretudo de que o fundamento não pode ser uma teoria. (Chasin não está impugnando essas disciplinas, mas a pretensão de serem fundamentos). Elas não podem ser o ponto de partida da filosofia.

Crítica ontológica. Quando o fundamento é uma teoria da objetividade. Teoria geral dos objetos, do mundo. Em Kant fenômeno é a síntese da subjetividade com objetos externos.

1) Por onde começar? Pelo fundamento empírico? Voltaríamos no psicologismo ou em Protágoras: as coisas são o que nos parece.

2) Pelo todo concreto? Pelo mundo? Eu queria conhecer apenas uma caixa de fósforo, mas para conhecê-la eu teria que conhecer o mundo. Estranho! O sensível como totalidade do mundo sensível. Na visão totalizadora eu empilho o mundo. Natureza, espírito, razão, homem, história. Está tudo resolvido com uma teoria abstratas e caótica. Eu dou aparência racional, aparência lógica. Quem me garante qual é o certo? Meu discurso pode ser montado. Se eu partir do todo concreto, eu tenho noções abstratas. **É fácil juntar e articular abstrações. As abstrações que são válidas são só aquelas que correspondem aos objetos.** Se eu parto dos fenômenos empíricos ou do todo, eu desemboco em arbitrariedades e em novas teorias. **Eu não saio do mundo teórico. Teoria fundamentando teoria.** O incondicionado é uma abstração de que eu não sei do que estou falando: especulação. A idéia de razão auto-sustentado é anti-humana. Essa razão é imperialista em relação ao mundo. ela impõe ao mundo que ela supostamente em si. Todo mundo é condicionado por ela: tirania da razão.

Todo conhecimento é ao mesmo tempo relativo e absoluto.

Idealismo: prioridade do ideal, do reflexivo, do inteligível; mito dogmático: querela dos fundamentos. É uma mágica, truque lógico. O universo da ambivalência do lógos.

Filosofia do absoluto, infinito: totalidade, empreitada infinita. Criticá-la significa que mesmo abrindo mão do absoluto não seja possível o conhecimento. Mas conhecimento possível da totalidade é uma empreitada infinita. **Todo universal sério contém particularidade. O universal nunca sem raízes na singularidade. Não é o universal que põe o singular. Deve ser o contrário. Existem graus da universalidade.** Universal mistificado: Abstraído da singularidade. A crítica de Marx à especulação. Misticismo lógico. Hegel: O universal passa ser o sujeito, o singular total, o universal concreto. É

a substância mistificada. Ela se torna a pessoa, a única verdadeira. Nós não somos seres. Eu, você, a minha subjetividade: a verdadeira subjetividade é A SUBJETIVIDADE (máxima abstração, para Hegel é o máximo concreto).

Verdadeira subjetividade é aquela que se torna coisa-no-mundo. A subjetividade é um momento ativo que está no interior da atividade sensível. (Esta é que é a universal, a totalidade). A verdadeira subjetividade é um momento da objetividade humano-societária.

Decisão ontológica de base: o que é o ser? É a idéia platônica, a razão hegeliana ou a efetividade dos seres sensíveis? Ou a ontologia é algo pertinente à realidade dos seres (Aristóteles coloca isso) efetivos reais ou não é. Hegel nem parte da efetividade e retorna a ela por caminhos que não são da efetividade.

Substância mística é no sentido de substância transcendente. Marx usa várias vezes o termo "místico" para criticar o procedimento especulativo.

**27 - 03 - 1998**

Ainda sobre a querela dos fundamentos.

Ontologia Fenomenológica de Heidegger. Ponto de partida da filosofia: a vida vivida ou pré-teorético. Experiência vivida: experiência existencial. Essa experiência parece ser um universal sem maiores problemas. Noção de experiência que engloba as experiências. Um pensar sobre si mesmo no mundo. Aleatoriedade: qualquer coisa cabe nisso. É uma experiência do indivíduo isolado que experimenta o mundo.

Derrilhação: é o indivíduo isolado que experimenta o mundo (abstrai-se da sociabilidade). Existencialismo: indivíduo jogado no mundo, condenado à liberdade. O homem jogado no mundo e que tem que viver: condição humana. Uma vez posto no mundo, o homem está condenado a ser livre.

É uma concepção da vida vivida, como ela transcorre, não é uma analítica do cotidiano. É uma esfera, **uma concepção abstrata do pré-teorético**. Chasin fala de um *reconhecimento* de uma *cotidianeidade fundante* e o existencialismo aniquila isso. O homem é um nada, é um vazio na sua liberdade. O existencialismo não é uma analítica da cotidianeidade. Campo puramente abstrato. Fundamento da teoria existencialista: o indivíduo isolado, sua condição é a do homem sofrendo a liberdade.

Chasin: a experiência compreende muito mais que a subjetividade (essa subjetividade impactada). Experiência subentende "lugar", os "outros", as ações praticadas, etc..

Aquele pré-teorético abstrato já envolve uma concepção teórica: a noção de indivíduo fechado em si e jogado no mundo é pressuposto do existencialismo. O existencialismo é uma tentativa ontológica reducionista: todos os entes são entes de uma individualidade só: o homem. É uma *aparência* de remetimento à universalidade das coisas. É uma dissolução da ontologia, e não sua afirmação. Heidegger se situa no plano do sentido do ser. Sartre também é uma ausência de objetividade ontológica. O homem como ser do qual tudo o mais depende é uma negação radical de toda a ontologia.

A verdade é uma confluência de opiniões de indivíduos que opinam = existencialismo. A individualidade humana como base da ontologia.

Desde a Grécia já se sabia que o universo do saber é diferente do universo do opinar. O democrático como confluência de opiniões.

Na medida em que todos os entes são meus entes há simplesmente opiniões. É uma ontologia da opinião. Hoje em dia isso é muito [comum]. Nós temos uma experiência de mundo como fundante, mas só que é um indivíduo em derruição, os entes todos se sobrepõem e a verdade é a verdade de cada um. Todas [as teorias] têm um fundo de emparentamento com isso: todas redundam no relativismo. Experiência pragmática ou neo-transcendental.

Chasin: o indivíduo só tem sentido no contexto social. Todas as correntes do nosso século: o indivíduo isolado ou a individualidade sem contexto (burguesa). O homem ou é tomado como *naturalmente* racional ou como *naturalmente* perdido no mundo: são a mesma face da mesma moeda. Foucault e Habermas se encontram. O homem sem racionalidade: Foucault.

O quadro da querela dos fundamentos nos traz uma constatação: toda postulação epistêmica traz concepções acrílicas que são ontológicas e ontologias que estão imbuídas de obscenidades epistêmicas. A escolha por uma ou outra é ARBITRÁRIA. O próprio fundamento é arbitrário, ele não é crítico. É o que nos dá a questão do fundamento.

(Os elementos simples não existem enquanto entes, O simples só existe no interior de complexos. Só o complexo permite acesso e entendimento do simples, e nunca o contrário.)

Toda busca de fundamento está fechado na esfera teórica e pretende uma certeza: a aquisição suposta de um saber universal de talhe absoluto. Ela desemboca na idéia de razão auto-sustentada. Chasin: eu tenho algo que

transcende à natureza do saber. O mundo sensível, o objeto. O método especulativo: o andamento da razão montada sobre si própria. Isso não é ontologia, mas fenomenologia da razão. Noção metafísica: noção de conhecimento baseado numa evidência fundante.

Relativo e Absoluto são indissociáveis. Isolá-los ou unilateralizá-los leva a aporias, a falsos problemas. Quando confundimos os graus de absoluto e relativo nas formações ideais [deturpamos o texto]. Eu não posso matematizar isso: isso faz parte das leituras de um texto.

A busca do fundamento acaba se revelando em sua relatividade, ou seja, acaba se revelando como uma dada forma de conceber o caminho do saber, nas várias formas particulares de empreendê-lo. Escolher entre um e outro fundamento é arbitrário. Como a intelecção poderia render o que dela se espera? ficou dito que todo fundamento teórico é questionável: é nada mais que uma escolha entre várias. Ele é uma contingência teórica. Não há nenhum fundamento teórico inquestionável. E no entanto era isso que ele pretendia ser. Se eu absolutizar o caminho trilhado, eu chego à supressão de todo ponto de orientação. Essa absolutização leva à negação do conhecimento. **O caminho é romper com o fundamento teórico como fundamento válido e colocar outro fundamento no lugar. O FUNDAMENTO NÃO ESTÁ NA TEORIA, MAS NA PRÁTICA. Chasin assinala um outro nível: o fundamento ontológico-prático. Ele parte da experiência real, de um todo vivido, do que é necessariamente vivido. Vida cotidiana: analítica da cotidianidade.**

Quanto mais o indivíduo isolado se interliga com coisas exteriores e outros indivíduos, mais ser ele é. Eu [Chasin] descrevo a vida cotidiana assim. A "vida" do existencialismo não é essa.

**Antes de qualquer reflexo interior, eu já vivo em contato com as coisas no mundo: isso é um reconhecimento, uma constatação.**

Eu constato que na imediatidade do meu viver que ele é uma infinidade de relações, de contatos (isso é irrecusável por qualquer tipo de teoria, porque eu não estou explicando essas relações, eu estou **constatando** que elas estão aí). **Eu não preciso de uma teoria para dizer isso: eu faço isso no dia a dia, na imediatidade direta.** Ao sair de um prédio, eu escolho a porta e não a janela, se não eu me "estrepo". Eu estou reconhecendo formas de existência objetivas.

Quando eu tomo um objeto eu reconheço que ele é uma coisa externa a mim e que eu uso para meu benefício. Acertar ou errar —distanciamento adequado dos objetos— não é o que orienta a prática, de imediato. **O ato prático se dá antes do critério de verdadeiro ou falso, a**

**aproximação vivida com a coisa é anterior.** A prática se põe não a partir de um fundamento pautado na verdade. Essa noção é dos gregos, da filosofia grega. **A prática se põe como atendimento a algo que é mais vital que a verdade e ela se dá sempre, mesmo quando não se tem certeza da veracidade ou não do evento em questão. Falsidade e veracidade não impedem a prática, ela é indiferente a elas.** Há algo que eu tenho que fazer se não eu não subsisto, se eu não fizer eu pereço: a prática é guiada pela necessidade: **SEU CRITÉRIO É A NECESSIDADE, E NÃO O V. OU F..** A ação humana se dirige a fins. Dimensão fundante da ação humana. A ação visa a atender as carências objetuais do ser humano. Universo da vida vivida, da vida real: a vida cotidiana em que todos nós vivemos: artistas ou não, filósofos ou não, cientistas ou não. Não saímos dela nunca. É um engodo pensar o contrário, eu me fechar na minha vida individual, no meu recolhimento subjetivo.

**Subjetividade não é ser, é predicado de um ser objetivo e que para viver tem de atender a exigências objetivas.** A subjetividade não é substância, nesse sentido ela não é objetiva, ou melhor, não como as coisas sensíveis o são. A consciência é consciência de um ser objetivo: essa é sua condição de possibilidade. Ela não é uma coisa em si e por si, consciência é consciência da objetividade. Na imediatidade do cotidiano, a subjetividade conscientiza que eu tenho fome e meu objetivo é buscar alimento. **A prática é um complexo de ações sensíveis cujo momento fundamental é o atendimento de carências.** Como ser subjetivo [sic], o homem tem carências. **Essa é a vida efetiva, inescapável que se repete todas as horas do dia.** Tudo o mais na vida deriva desse complexo da realidade da vida cotidiana, tudo se desdobra acima dele. A vida fundante para tudo é a vida cotidiana. O onto-prático é a constatação das experiências fundamentais. **Há algo que liga todos os homens: para poder estar em condições de negar ou afirmar é preciso antes de tudo de "estar vivo". Há uma condição objetiva, objetos fora de mim, independentes.**

Os objetos de que eu preciso não existem na natureza, [não estão dados na natureza]: eu tenho que produzi-los, de modo que o PRODUÇÃO é o meio de subsistência humano. Isso é irremovível, inquestionável. Sem isso todo o resto se torna impossível. Eu não posso abstrair dos meios, eles são um pressuposto objetivo. Isso tudo é o resultado de uma simples análise do cotidiano. Não há nenhuma teoria nisso, eu simplesmente li no mundo. *A filosofia dos últimos cinquenta anos tem sido uma corrupção da filosofia.* Aquele resultado da analítica da cotidianidade é uma **abstração razoável**: é aquele tipo de abstração mantenedora da efetividade, é o

reconhecer do nervo fundamental sem o qual todo o resto é impossível. Essa constatação envolve uma operação mental (abstração razoável). Levou cerca de 2.500 anos [desde o nascimento da filosofia] para ser descoberta e [ao mesmo tempo] é tão simples. Só com Marx. Se os meios de subsistência são irremovíveis, eu posso extrair dessa colocação que se o homem produz seus meios de subsistência, ele produz a si mesmo, não como a metafísica faz, que parte de uma certeza abstrata. Nossa certeza é sensível.

Todo conhecimento verdadeiro é um **reconhecimento**.

Produzir os próprios meios de subsistência é uma **ruptura** na história, é um **salto**. Até um tempo atrás se fazia apenas coleta, não se produzia. O homem vivia quase como o animal. Vivia do que a natureza dava, quando acabava ele se mudava. Potência do ser humano: a capacidade de montar seu próprio designer, a sua própria estrutura.

**A racionalidade não é um ente: é uma capacidade de relação com as coisas, é relação de pensar com objetos.** Racionalidade é um produto social que ganha as formas da individuação.

O homem é uma infinita construção de si. Nunca chegaremos ao modelo acabado de homem. Ser homem é se afastar da natureza, sempre, cada vez mais. O homem é uma infinitude intensiva. Ele se produz e reproduz indefinidamente. Mas nem sempre para melhor, nem sempre progredindo. Mas sempre, progressivamente, o homem vai vivendo cada vez mais da natureza. Isso sempre. Ele se faz historicamente **cada vez mais social**. Nesse processo, os valores mais elevados vão se pondo, bem como os mais vis.

Pressuposto básico: se não houver homens vivos e ativos não há o resto que compõe o ser social. Esse ponto de partida como já vimos, é condição do conhecimento. O homens são vivos e ativos e por isso não vivem na natureza pura. O homem trabalha. Os animais têm atividade, mas não trabalham.

TRABALHO  momento proponente (subjetividade proponente): eu preciso fazer, eu tenho que fazer. Ênfase p/o sujeito

momento receptivo (subjetividade receptiva): eu tenho que reconhecer no mundo aquilo que, transformado, pode dar no objeto que eu quero. Há uma causal, objetiva: se eu não conheço as coisas eu não sobrevivo. Condição para o saber. E isso sem apelar para nenhuma teoria do conhecimento. Ênfase p/ o objeto

As verdades fundamentais são extremamente simples.

Se eu trabalho, eu sei. Não preciso de mais nenhuma hipótese. Não posso deduzir o mundo a partir de princípios lógicos. O conhecimento é possível sim! Tal conclusão se apóia nessa constatação simples. O que devemos investigar é como ele se dá. Quando se recusa uma teoria epistêmica como fundamento não se está desprezando a questão do saber, mas somente que a partir dela não se resolve em nada o problema do conhecimento. Deve-se partir de condições efetivas.

---

**03 - 07 - 1998**

Ainda sobre a problemática do fundamento:

O que mais impulsiona para a querela do fundamento é a contraposição epistemologia x ontologia. Logo que se faz a pergunta sobre o fundamento, vêm à tona esses dois lugares possíveis para o estabelecimento do fundamento.

Discutem-se muito as teorias existentes sobre os fundamentos, mas muito pouco o fundamento ele mesmo.

Realismo: é sempre visto como uma postura acrítica e ingênua. A posição mais comum tem sido a de que toda preocupação com o fundamento seria uma preocupação ingênua.

Realismo [falso?]: homologia entre o pensamento e a realidade , coincidência entre a ordem das coisas e a ordem do pensar.

No fluxo tradicional do tempo dicute-se o que é o bom e o mal fundamento. E prosseguem-se os debates. Os fundamentos vão se sucedendo uns aos outros. É normal a discussão entre as distintas proposituras do fundamento. E a impressão era que a cada novo fundamento se melhorava o problema do fundamento. Mas as coisas não são assim. Sob formas distintas, um mesmo tipo de fundamento aparece sob roupagens diversas, só muda de vestimenta. Não há uma ordem factual ou racional que obrigue um processo evolutivo nesta matéria .

A teoria do fundamento foi sempre apresentada ao contrário. Ela chega no fim da reflexão, quando na verdade o fundamento é para estar no começo, no fundo das reflexões filosóficas, no primeiro momento, a base conquistada da reflexão. O fundamento é o ponto inicial absolutamente irremovível, mas o curioso é que na ordem histórica da filosofia não se constata isso. **A ordem da investigação (essa é a exposição lógica e não a exposição da ordem da descoberta das coisas) não é a mesma que a ordem da exposição.** Esta é que tem ordem, aquela não tem uma ordem de antemão, se já tivesse teria decifrado o

objeto, não precisava ser investigação. Eu tenho o fundamento antes de saber as coisas, Só depois de decifrá-las é que eu o encontro. Assim ocorre com todo o pensamento, ainda que as teorias digam o contrário.

Quando uma teoria da investigação pretende ser anterior aos objetos, com este rumo ela dá suposto um fundamento num território que não é dos objetos. Que território suposto é esse? É o que não é demonstrado mas somente assumido? Quando o suposto demonstrado supõe a existência de uma racionalidade, de uma lógica tal que põe o saber, que condiciona o saber, que obriga o saber a ser de tal o qual modo, evitando que seja de um modo distinto dela, é um dogmatismo. A razão se põe como uma plataforma e me impulsiono a partir dela como fundamento que eu suponho ser a raiz do procedimento e me desdubro a falar dela já estabelecida como ponto de partida: isso é uma escolha definitiva e acrítica, por mais crítica que ela queira ser.

Dogma: quando a verdade vem de um padrão que independe dos objetos e dos indivíduos e que pré-existe às coisas e aos indivíduos. As individualidades se põem como predicados desse padrão de racionalidade. E isso acontece da maiêutica socrática ao criticismo kantiano, incluindo a filosofia da linguagem. É um mundo independente das individualidades.

A razão é concebida enquanto um tributo natural, um aparato mental tal como meus membros. A lógica se ergue como um patamar de sustentação de todo e qualquer fundamento. Razão que está posta cosmicamente (Hegel) e determina, engendra os particulares. Posso estabelecer previamente todos os passos possíveis imaginários. Tudo seria decifrado se eu tiver a lógica verdadeira, bastando exercitar essa lógica e obtendo a ordem absoluta do mundo. A demanda por um fundamento, sendo esse fundamento anterior ao contato com os objetos, é um dogmatismo irremovível e o pior é que ele se apresenta como crítico. Eu deixo de ser ingênuo quando assumo esse conhecimento supostamente crítico mas que está embutido de uma crosta dogmática. Se eu não suponho essa racionalidade como transcendente à vivência (efetividade), ela não pode ser fundamento isolado, por isso é que essa posição precisa fazer isso. Ela não pode remover essa crosta dogmática, porque isso é constitutivo dessa corrente filosófica. Ela realmente tem uma intencionalidade crítica na determinação da marcha dos processos mentais e esteve em vigor por mais de um milênio. Ela funcionou no seu momento histórico. A noção de fundamento como propósito de uma certeza pré estabelecida é falsa. A certeza é um ponto de chegada. Não tem como ser um ponto de partida. A aventura da cognição lida com a incerteza: esta não é a negação da possibilidade do conhecimento, é sinalização

da infinitude de saberes não presentes no saber presente. Absoluto e relativo não estão associados nos pólos opostos, estão entrelaçados, são momentos de uma só unidade. A unilateralização do caminho é fracasso certo. Razão ou Coisas? Epistemologia ou ontologia? E essa contraposição redundante no fracasso na questão sobre o fundamento. Esses aspectos isolados e universalizados na sua unilateralidade produzem um falso universal. Mesmo a ontologia como um instinto do objetivo ainda consegue ser mais sã do que a epistemologia como manifestação da pura subjetividade porque é menos unilateral.

Ser: aquilo que unifica todas as formas de existência. Mas também desemboca em algo tão abstrato não dá a evidência que se procura. Ele acaba arremessando para um universo infinito das coisas.

A verdade não é uma construção das mentes, a mente não produz verdades, mas descobre verdades nas coisas. Mas pode acabar desembocando, pela via especulativa, numa aporia histórica: Parmênides. O ser é e o não ser não é. A formidável tentativa de Parmênides vai desembocar numa aporia. Objetivismo radical.

O elemento histórico condiciona a concepção do ser: eu sei a partir de onde eu estou. Depende do mundo, da época em que se desenvolve a noção de ser. Mas se assim é, esse fundamento é móvel. Ele não é trans-histórico. Não pode ser racional dedutivista, não pode ser especulativo.

Seja optando por epistemologia ou ontologia, falar-se de fundamento é colocar-se em terreno especulativo. Na impressão de me aproximar das coisas e do saber, manifesta-se o caráter limitado, fragmentário do procedimento. O fundamento aparece como fragmento, e não como a evidência inquestionável.

A evidência não faz parte da natureza das coisas, ela vem da razão, é meramente psicológica. Acreditar na certeza traz um conforto psicológico. O que há de efetivamente real nas coisas e na razão independe do conforto ou desconforto psicológico de quem fala.

Depois de tudo isso vemos que a questão do fundamento é questionável, bastando recorrer aos aspectos mais gerais da questão. Essa crítica é um passo para uma questão criticamente assumida, a ontologia estatutária marxiana.

(O que é um fundamento? é uma teoria da subjetividade ou objetividade? Ela começa pela consciência, o cogito ou formas a priori da mente ou filosofia da mente contemporânea. A psicologia materialista queria que a fisiologia devassasse a razão e a lógica: a fisiologia como fundamento da razão. Mas racionalidade e fisiologia são dois planos diferentes. A

explicação fisiológica não é inútil, mas não explica a razão. Não dá a estrutura da lógica universal e vai ser mais um objeto entre objetos: o cérebro (material)).

No homem, o espelhamento do mundo é consciente. Não conseguimos explicar a consciência: intencionalidade, auto-consciência. Faço e sei que faço: somos os únicos seres que operam com consciência. Isso a fisiologia não explica. Os animais têm reflexos (espelhamentos), nós sabemos que temos esses reflexos (auto-consciência). O inconsciente é um nome metafísico para designar o universo do não saber.

Está absolutamente claro que a impugnação de uma teórica da fundamentação não é isenta de ataque crítico. Ela não é uma verdade intangível que não pode ser questionada. Questionar a própria noção de fundamento é absolutamente necessário e possível.

As efetividades são seres no sentido forte: seres empíricos. Mas não se trata de um empiricismo. Chasin almeja impugnar os caminhos da racionalidade como instância última, anterior à efetividade, mas quer a certeza infinita da possibilidade do conhecimento. É preferível a objetividade radical (por exemplo a filosofia parmenidiana) do que a relatividade da filosofia da linguagem atual (subjetivismo radical), que é muito mais negativa do que a metafísica clássica.

O mundo-vivido dos existencialistas é pré-teorético. Mas Chasin diz que é uma experiência existencial: indivíduo atômico, isolado, numa experiência individual que enquanto tal é aleatória. As filosofias contemporâneas da desconstrução caminha para esse universo da derruição. A própria contingência é a substância dessas filosofias. O indivíduo perdido em si. Contra Sartre: A liberdade é a mais complexa forma da determinação, é a infinita presença de predicados e não a ausência deles, não indeterminação. A liberdade é uma forma de ser: só o homem pode ser livre, não há ente que seja livre. Todo objeto natural está condenado à necessidade de seu padrão genético ou material. Vontade é desejo racionalmente configurado (concepção dos gregos). Não é uma faculdade, mas uma relação entre a capacidade consciente do homem e da pletora das coisas. Quando há uma homologia entre elas, há uma boa racionalidade, em que a consciência introjeta a ordem das coisas.

Há razões, e não uma razão: historicismo. A racionalidade vem dos objetos do mundo. É fundamental a relação objetiva com o objeto. É a vida vivida que eu

vivencio quer queira quer não: não é contingente, mas necessária. É o mundo da efetividade vivida independente da vontade. Cada gesto nosso, por menor que seja, reproduz a ordem do mundo. Não depende de mim. O mundo da vivência inescapável, o mundo onto-prático, eis o patamar que partimos.

---

**10 - 07 - 1998**

(Marx: o futuro aparece como uma retomada, reposição do passado como suporte diante do novo. A única radical revolução é buscar a sua poesia (poiesis: pôr de mundo) a partir de uma lógica própria, e não uma lógica do passado.)

Roteiro: mostrar que, tanto viés epistêmico quanto ontológico, eu desemboca numa inviabilização especulativa. Qualquer tipo de abordagem teórica não pode ser o fundamento, o fundamento é pré-teorético. No entanto, o viés gnoseológico se mostra ainda mais sadio que o epistêmico, pois se há um lugar em que o fundamento está, este lugar deve ser a coisa. O onto-prático contém em si um voltar-se às coisas que é inescapável e se realiza instintivamente, sem maior reflexão. Mas não é essa experiência pré-teorética de que se trata em Marx. O indivíduo como átomo isolado atirado ao mundo. Essa é a concepção de experiência em Nietzsche e Heidegger. Reflexo do individualismo da época desses filósofos, que começa com Descartes.

Mundo antigo e medieval: desenvolvem uma reflexão de viés ontológico. É uma discussão sobre os entes efetivamente existentes. Ser em Aristóteles é o que subsiste por si (substância). Ente que se auto-põe, que se auto-sustenta. Aristóteles quer partir dos entes em sua efetividade. E a mente humana tem capacidade para deslindar os entes. Está claro para o mundo antigo e medieval que o homem conhece o mundo: isso não é realismo ingênuo!!! Só que o mundo grego justifica isso valendo das leis gerais harmônicas do universo. Por isso o homem tem capacidade de conhecer o mundo. Descubrem-se as coisas por uma capacidade natural da razão (escravo de Mênon). A lógica de Aristóteles não é uma lógica da descoberta, mas da validade ou não do discurso. Nenhuma lógica pode descobrir nada.

A terceira via (o falso terceiro termo): pretensa superação da dicotomia sujeito-objeto. Se eu tematizo o lado do sujeito, resulta que uma lógica universal é impossível (relativismo). Se eu parto do objeto, eu estou

partindo do mundo das coisas e se ele não se mostrou equacionável para delucidar o pensamento, como se dá o processo cognitivo? Redução pelo objeto. Em face disso, eu tenho de contornar o panorama dando as costas ao sujeito e ao objeto. Para além da dicotomia sujeito-objeto. Só que o nível da terceira posição é mais desqualificado: o objeto não é objeto puro, exterioridade pura (dissolução da autonomia do objeto: Kant), é uma fusão-objeto que tira a autonomia do em si anterior do objeto (o em si está fora, mas mesmo assim a objetividade está garantida).

Falsificação: ou o mundo é feito de objetos e não depende da boa vontade do sujeito ou ele é efetivamente, quer o sujeito queira ou não. Perspectivismo: o meu olhar inventa o mundo que ele bem entender.

O pragmatismo é resultado do mundo do capital. É um momento histórico na ordem do capital.

Os objetos não se oferece a nós da mesma forma que no seu processo de constituição, eles nos aparece estruturados. Os objetos são articulações de partes.

Idade Média: A presença não dissolve os objetos. Ano de 1350: Petrarca. São Tomás. Existência efetiva da coisa. A existência efetiva se torna o essencial. Ontologia radical.

O homem é um ente que se faz por si. Século XV, Pietro Pomponazzi, pensador aristotélico.

O homem é infinitude na infinitude dos universos. Giordano Bruno. A individualidade como infinito, portanto como processo. E isso em 1600!!! Processualidade: Deixa aberta a possibilidade de ser e saber sem nenhum limite. Mas como se opera com uma formulação infinita? Isso parece inoperante. Bacon tem uma visão da infinitude e tenta tornar operáveis, praticáveis os termos de Bruno na experimentação. Escavação do objeto em prol do entendimento. Pôr os objetos a serviço do homem. O humano é construído a partir da tecnologia e a razão não é excluída (em Bacon), como será nos empiristas posteriores.

Início da modernidade. Objetividade: Filósofos ingleses (empiristas). Subjetividade: Descartes. Alemães, séculos XVIII-XIX: Kant tenta a síntese disso, mas só conseguiu uma justa posição. A filosofia clássica alemã é uma oscilação entre sujeito e objeto o tempo todo. Hegel tenta superar Kant. Não há solução em Kant. Fichte não consegue sair da teia que monta. A filosofia clássica alemã é uma grande aporia, ela não resolve nada. A dicotomia anterior não foi alterada, só foi mascarada.

A contra posição sujeito-objeto não pode ser resolvida em lugar nenhum, porque não há contraposição.

Ambos se relacionam a todo momento, não estão separados, não podem estar separados. Isso é uma realidade pré-teórica. Marx percebeu isso. O fundamento da filosofia não está nem de um lado nem do outro, mas na prática que envolve os dois na unidade eu-mundo do fazer. Fundamentação onto-prática. Ponto de partida: Homens vivos em atividade, englobando a racionalidade, a sensibilidade, etc. Se eu abstraio deste pressuposto, não há nada para pensar, pois não há homem vivo. Tudo se ordena a partir disso. É um complexo em que as certezas são relativas, mas não é relativismo, e a verdade é mutável. A verdade efetivamente muda e as certezas, os saberes mudam com ela.

---

**17 - 07 - 1998**

Prova oral dia 25/09  
2º fichamento Giannotti 07/08  
Fernando Henrique (trechos) 21/08  
Dependência FHC 04/09  
Sucessão na crise 18/09

O curso das idéias na filosofia se vincula à efetividade dos contextos em que surgem as idéias. O vínculo idéia-locus, idéia-plataforma de efetividade da qual ela brota. Idéia vinculada a lugar de emergência. As idéias filosóficas geralmente são apresentadas como se independessem do contexto histórico. Mito naturalista. Há uma separação entre idéia e história. As correntes pautadas na razão auto-sustentada geralmente adotam esta tese. Supõe que há uma condição humana como conceito rígido. Vínculo fundamental: Razão e história (determinação espaço-temporal).

A filosofia não é autônoma. O contrário é uma descaracterização do próprio filosofar, uma caricatura da filosofia.

Ao ler os textos contemporâneos de filosofia, parece que a filosofia hoje pensa que desdobrar os complexos da racionalidade é descobrir os complexos da realidade efetiva.

O bom e o verdadeiro curso da racionalidade não parte de si, parte de complexos efetivos. A razão é resultante da atividade humana. Ela reproduz efetividades, descobre e propõe sempre vinculada à experiência da atividade humana. Essa vivência é insuprimível, a não ser na imaginação.

A análise de uma idéia, se é em verdade completa, deve ser análise imanente ou estrutural. Tende-se a confundi-la com a filologia. A análise filológica é o texto pelo texto, tenta descobrir o sentido da letra pela

própria letra. Esse é o sentido distorcido de análise estrutural, pois a palavra é um nome que se refere a um conteúdo. Conteúdo que não é meramente verbal. **O conteúdo é sempre mais rico que a palavra. O real é sempre mais rico que a reflexão, por mais ampla que esta seja. nunca uma efetividade é esgotada analiticamente.** Isso não significa que não deva ser curado esse ideal de esgotamento.

A mudança efetiva só ocorre se a realidade for passível de ser manipulada. Para tal as leis intrínsecas do objeto devem ser respeitadas. A dificuldade está em ter o critério para decidir o que é realizável e o que não é. Tem-se que levar em conta a malha de causalidade que se quer transformar para que a ideação não seja uma mera projeção subjetiva. O bom pensamento supõe o objeto realizado.

A semântica é um problema extralingüística. A gramática é meramente a lógica da linguagem, e não a lógica do real. A linguagem só existe quando referida ao exterior e não é autônoma.

O critério da filosofia não é um critério subjetivo. não são regras de conduta do raciocínio, mas as lógicas de entificação que permitem estabelecer os critérios que mostram se uma teoria propugna um conteúdo factível.

Atividade prática em Marx é ontologia, não empirismo. Pensar a efetividade como ontologia.

Raciocinar não é superar o que é bom e excluir o mal simplesmente. A realidade efetiva em qualquer época, tem coisas boas e más, é contraditória. Os dois pertencem a uma só lógica. Não estamos condenados a viver sob o mal. Podemos projetar. Se está na efetividade que não podemos superar o mal, não adianta que queiramos.

Há uma solidariedade forçada com o real, a sociedade. Não estamos fora dela. A sociedade tolhe, está aí, não podemos nos abstrair disso. A cooperação é inescapável. Ela reafirma o real na atividade cotidiana, indiferentemente de o sujeito gostar ou não disso. Não adianta xingar o demônio que no caso é a lógica societária, mas transformar a sociabilidade. Nenhuma forma social institui o reino de Deus (perfeição absoluta) na terra.

Nada evolui no mundo por causa de belas idéias, de idéias generosas. Só se a idéia puder se tornar prática.

A questão se o homem é livre ou não, não tem sentido. Mas saber se o homem pode ir progressivamente se tornando livre, não passando por cima das leis da efetividade, é que é o termo correto da questão.

Não depende dos indivíduos colocarem o ovo de Colombo em filosofia. É pueril pensar em originalidade em filosofia. Qualquer coisa pode ser feita a partir de disparates. E uma filosofia absurda, falsificadora pode

influenciar séculos e séculos e muitas pessoas. É o lado miserável da filosofia: não há um critério para impedi-lo.

A disputa pelo fundamento não é a busca pelo melhor ponto de partida, mas do melhor ponto de partida para assentar idéias que já se tem de antemão. Esse é o vício da filosofia. Só os ingênuos discutem o ponto de partida como se não soubessem onde querem chegar.

Investigar o referencial externo ao pensar não equivale a pensar o próprio pensamento. Não que pensar o próprio pensamento não deva ser feito. Só não podemos supor que pensar o pensamento resolve o real, pois ainda não teríamos saído da esfera teórica. Os critérios de verdade são objetivos.

Como discernir falso do verdadeiro, considerando que as formas de pensar são localizadas espaço-temporalmente? Não é a minha verdade de que se trata. O caminho é mais complicado. Os escolásticos deram um exemplo definitivo nessa busca: é uma questão séria, uma questão ontológica, a individuação (debate sobre o sexo dos anjos). É uma questão de predicado ontológico que a arrogância da filosofia moderna toma como sendo pueril. Hoje em dia as opiniões é que jogam, não a intelecção de efetividades. Falso e verdadeiro aparecem combinados, indissociáveis.

Só é verdadeiro se for concreto, e não somente pensado; se reproduz o real e em que limites. O meramente pensado não é necessariamente verdadeiro.

O real é feito de elementos contraditórios, lidar com a verdade é lidar com entes contraditórios. A filosofia dos "professores" paga o preço da didática de colocar o real como transparente e fácil de ser apanhado. São as contradições que possibilitam a verdade. O objeto das ciências sociais não está isento delas: sem contradição não há ser. Hegel descobriu isso, só que ser para ele é ideal, mistificado. A sociabilidade tem uma lógica e essa lógica gera partes conflitantes. A neutralidade em relação a verdade não existe nas ciências sociais e até mesmo, com graus menores nas ciências naturais.

Ideologicamente os interesses se manifestam revestidos de idéias para proveito próprio (falsa consciência). Falso socialmente necessário: para a sociedade existir, ela precisa do falso. Ver, por exemplo, os medievais e a necessidade do sistema geocêntrico. Verdade e falsidade tem função social, são igualmente funcionais.

Eu só coloco a verdadeira pergunta quando eu sei a resposta (Marx). E se eu tenho a resposta certa, eu já tenho o concreto.

O ente não é imutável. Dizer o que uma coisa é, é mostrar o seu não-ser no devir. Mas isso é Hegel. Só isso

supera a fórmula parmenidiana. Uma sociedade sem qualquer contradição entra em oposição com a idéia de sociedade como infinitude do ser, como processo. Mas os entes são passíveis de intelecção. A filosofia é importante porque auxilia a atividade humana e não só porque refina o espírito. As contradições do real não implicam posicionamento de Marx contra a idéia de que a verdade pode ser alcançada. Os posicionamentos ontológicos de Marx contém a crítica dos seus próprios pressupostos teóricos.

Introdução dos Grundrisse de 1857/58: Mostrar o gigantismo e a complexidade e riqueza do real. Ciência como descobrimento de concretos exteriores ao pensamento. A sociabilidade não é uma canga para o pensar. É uma condição de possibilidade do pensar, mas é ambígua porque engendra o verdadeiro e o falso. Estes são produzidos sob determinação social.

Nós nos damos o humano: ele não é dado nem pela natureza, nem por uma força transcendente (Deus). O único ser que se auto-põe é o homem.

Não se pode chegar ao mundo efetivo através da razão auto-sustentada. O mundo é extremamente complexo, infinito, rico. Se o mundo em que estou não comporta com grandiosidade as minhas idéias, pior para as minhas idéias.

A filosofia é crítica por imanência: não precisa que alguém venha de fora e lhe diga para ser crítica. O real se encarrega de verificar a certeza de minhas idéias. A certeza é uma conquista processual em que eu faço a síncope a cada momento para poder agir. O grau último da certeza não existe.

A **coisa** é o vocábulo mais nobre da filosofia.

Chasin quer a noção de adequatio, e para isso é preciso que haja a maturação do objeto e do pensador. Pensar é sempre situado e interessado e sempre se refere ao objeto.

---

**24 - 07 - 1998**

(No propósito de fidelidade da parte de Chasin ao pensamento de Marx, há pelo menos uma elaboração no nível expressivo, ou seja, não se trata da mera reprodução cega do filósofo alemão).

A metafísica tradicional dedutiva é inviável, já viu Kant. A cabeça não deduz o mundo. O entendimento humano é incapaz de, munido dos meios de intelecção, reproduzir por sua conta um pensamento absoluto. Mas Kant não é capaz de ultrapassar o mundo dos fenômenos. Ele não alcança o que o ente é por si próprio. A idéia de uma

razão sustentada que estabelece o mundo por uma força intrínseca ao seus princípios é uma ruptura de enormes conseqüências para a filosofia. Kant não é um autor que dá um novo patamar decisivo para elaborações novas. Ele desemboca numa aporia. Não representa uma revolução. Qual é a base que me rende conhecimento efetivo? Ou os objetos ou o sujeito são a base da cognição. Da Grécia até Descartes reina a solução ontológica, de Descartes para cá, a epistemologia. A ontologia pois é a mais longa e a mais antiga.

O sofista já sabia que a razão é antinômica: a razão entregue a si própria é "a louca da casa". Os gregos já sabiam que o logos tinha essa natureza. Por mais que eu busque ancorar o curso da racionalidade em si mesmo, eu não consigo. Ele é intrinsecamente ambíguo. O que determina é o conteúdo. A racionalidade que está nas coisas é que cura essa ambivalência.

A produção mental existia antes dos pré-socráticos e o que dela resta é o bastante para reconstruir uma forma de pensar que chamamos de razão mítica. Eles raciocinavam num patamar em que as coisas que ocorriam eram explicadas com idéias transcendentais. Atribuição de sentidos às coisas. O mito é a forma da inteligência ignorante. É tudo o que o homem podia fazer neste momento: imputar sentido às coisas. O mito nasce do universo onto-prático, ou seja, de necessidade vitais dos homens. O saber, em primeiro lugar tem de ser operativo, prático. É natural ao pensamento trabalhar com universais. Qualquer bruto faz isso. Qualquer forma de pensamento nasce do cotidiano e é a ele que o pensamento tem de responder.

O mito jogava para além dos entes o significado dos entes (infância, imaturidade), era esse o modo que os primeiros homens arrumaram para explicar o seu mundo cotidiano. Mas a explicação mítica passa a responder mais e ser capaz de orientar as ações cotidianas, é necessário orientar-se por outros pensamentos, outras explicações: surge a filosofia.

Há um vínculo indissolúvel entre a reflexão (pensamento) e cotidiano, que se torna cada vez mais complexo: as disciplinas procuram se afastar do cotidiano. Surge a figura bizarra do pensador, do cientista, do filósofo. A figura do pensador é uma produção histórica.

A forma transcendente de explicar as coisas pelos deuses funcionava para os antigos, as civilizações arcaicas.

O efetivamente real é que põe os momentos do pensamento. A fonte do pensamento vem de fora de si. A vida real tem desdobramentos que põe e altera um conjunto de entificações e o pensamento corre atrás para desvendar

essas entificações ao mesmo tempo que procura controlá-las.

O que é o elemento primordial da natureza é uma pergunta fundamental.

A filosofia hoje é a resposta imanente (não mais transcendente das coisas).

Eu penso porque eu tenho problemas, porque a vida me põe desafios. A razão é comprometida com a efetividade do real. A razão é impura. Necessidade vital de saber, interesse. Chasin: "Crítica da Razão Impura". Pensamento verdadeiro: saber, conhecimento efetivo. Pensamento falso: formação ideal falha.

Uma vez feita a crítica aos fundamentos teóricos, as duas âncoras, ontologia e epistemologia, ressurgem agora de maneira diferente.

Recusa-se hoje a possibilidade da ontologia. Fazer ontologia respeitando Kant é uma contradição: Apel e companhia. Neotranscendentalismo. Não há nada mais fácil que montar, articular um quadro de noções a partir só do pensamento. Castelos de areia da filosofia. O que interessa é ver se eles se sustentam diante das demandas da realidade efetiva.

O mundo é um complexo que não se explica por idéias claras e distintas, mas por complexos cada vez mais complexos pelo curso dos séculos e da construção infinita do real.

A partir de Kant (de 200 anos para cá) está posto em xeque o saber ontológico, o desprestígio da ontologia e sobretudo no século XX. Heidegger: ontologia da subjetividade, não mais o ente enquanto ente. Dissolução do posicionamento ontológico. **Não há ontologia nenhuma onde não há busca do sentido do ser em si [e por si]. O ser não é o sentido para nós, é o essencial do ente para o ente.** O ente do aparecimento (da presença) só é ente enquanto aparece para mim: Kant e companhia.

Ler Hartmann, um dos poucos autores do século XX que não abandonou a ontologia. Ele pretendeu, a partir do criticismo kantiano erguer uma ontologia.

Se reconheço que o conhecimento humano é absolutamente vital, sem o qual não existe vida humana, não é o caso de defendê-lo? Não é uma questão acadêmica, trata-se de uma questão vital. Há um posicionamento que não nega o valor da ontologia e que diz que nenhum outro plataforma é possível senão a ontologia prática. Com todas as outras nós desembocamos em especulação e negamos o próprio princípio prático insuprimível, o pré-teórico, do qual necessariamente parte toda e qualquer propositura teórica. Ingenuidade não é o realismo ontológico, crítico, que reivindica a existência do mundo

exterior, mas a razão auto-sustentada como procedimento supostamente objetivo, ontológico.

Talhe da pergunta marxiana: quem pensa (pensamento no nível da existência cotidiana, pois há pensamento distanciado da vida imediata) e onde pensa? Seres vivos e ativos vivendo em sociedade no universo pré-teorético, no plano onto-prático. O que se pensa originariamente, direta e imediatamente é como uma imposição da existência, por mais simples ou grosseiro que seja o pensamento.

O onto-prático é a plataforma de tudo o que penso e faço. Eu não faço nada cotidianamente que não seja uma resposta aos entes, uma resposta ôntica. Fazemos isto instintivamente em todos os atos da nossa vida. O onto-prático não é uma invenção dos filósofos. A posição ontológica é uma constatação, não uma justificativa teorética. Eu posso ter clareza do que penso sem que o que pense seja qualquer ente real.

Mas não podemos construir uma ontologia enquanto teoria geral do ser a partir do onto-prático.

Em Heidegger todos os entes dependem de um ente privilegiado, o homem. Mas o fato é que o ente está posto ali e eu os reconheço ou não.

O indivíduo só é indivíduo na interdependência com todo o restante da humanidade. A uma cooperação invisível no imediato que interliga os indivíduos. É a sociedade que gera a individuação. A nossa forma atual de vida esconde a cooperação: indivíduo e sociedade aparecem como separados, mas isso é só aparente. É a forma grosseira de vida do capital. A sociedade produz a base material da existência sem a qual nenhuma vida humana é possível. A produção do mundo é, pois, a experiência decisiva sem a qual não há vida. O onto-prático refere-se precisamente à necessidade da atividade produtora da existência, o fazer humano cotidiano, a atividade sensível (trabalho). A atividade sensível disponibiliza os objetos úteis, tanto materiais quanto espirituais, sem os quais não poderíamos viver: roupas, alimento, transporte, abrigo, livros, etc. Não vivemos na natureza pura. O trabalho, que é o elemento de ligação entre os homens e a natureza só é realizável quando a consciência está presente. Por isso só o homem trabalha, pois o trabalho é uma atividade teleológica. A ação requer uma prévia configuração mental do que se vai fazer de modo que a coisa ideada se torna coisa no mundo. Objetividade e subjetividade caminham uma em direção à outra. O cotidiano, o onto-prático é a ligação dos dois. Eu a constato na atividade sensível. A possibilidade do saber é uma constatação da análise da vida cotidiana. O onto-prático é uma prova do saber.

---

---

31 - 07 - 1998

O marxismo vulgar envenenou este século ao fazer o vínculo de um processo social diretamente ao modo de produção. Ao fazê-lo não está explicando nada, porque as relações abstratas não explicam nada. A explicação não pode ser do concreto pelo abstrato. Há uma malha infinita de determinações que é necessário captar para explicar. Aquele tipo de explicação acima é vazio.

Os processo reais sociais são extremamente contraditórios o tempo todo. Além disso eles não tem aspecto rígido. É sempre uma estabilidade precária. O ser é latejante, movimenta. O ser vivo pulsa. Nem a individualidade é constante. Ver Jean, personagem de Sartre. Quem é Jean? Qual deles é Jean? É o conjunto de todos os Jeans. A identidade pessoal é plena de facetas contraditórias. O que une estas contradições? Só de modo abstrato é que cada indivíduo se refere a si mesmo como um Eu. Quem é cada um de nós? É um movimento, um conjunto de contrariedades. Não há um Eu comum que é subjacente a todos os predicados individuais. A reação contraditória, em todos os níveis da vida, é parte inseparável de nós. Somos a riqueza desse conjunto altamente contraditório. A pergunta de Sartre "o que é o indivíduo" é uma pergunta ontológica. Pensar o ser é pensar processos contraditórios. Quem descobriu isso foi Hegel. Mas sua concepção de ser é especulativa, a noção que importa aqui é a de contradição. Esta é a matriz do ser. O ser de Parmênides é uma operação mental que simplifica o real para tentar reter para si alguma coisa que lhe foge, que lhe escapa, devém, morre. A operação abstratizante é um desespero ingênuo, improfícuo. O desafio é perseguir esse ser que é um fantasma. Tudo o que o homem faz é evanescente, existe como evanescência. É algo que é e não é ao mesmo tempo. Que está e não está. E a ciência tem que dar conta da multiplicidade. Não se trata de dar razão a Heráclito, este diz que as coisas são simplesmente movimento: é uma abstração tão pobre como a de Parmênides. por onde eu agarro o objeto para observá-lo? Não adianta prender o objeto, ele se move de qualquer modo. O poder fantasmagórico do ser é maior que minha capacidade. E eu só posso agarrá-lo com a cabeça, capacidade raciocinante. A razão tem, isto Platão já viu, a capacidade de imobilizar, de prender o sensível.

A sociedade grega é menos contraditória do que a nossa, porque quanto mais desenvolvida a sociedade, quanto mais desenvolvido o objeto, mais complexo e contraditório é.

A essência não é algo de imutável, fixo. A essência não tem caroço, ela tem capas. a essência não é parte, é

aquilo que atravessa o todo e não é distinta do todo. É produzida pelo todo.

O objeto natural é mais estável que o social. O indivíduo humano, o ser social, é até agora a entificação mais extraordinária. Kant e Hegel: a mais riqueza na consciência do homem que em todo o universo material das grandezas cósmicas.

Contradição: a sociedade nunca educa seus membros num só sentido. Ela educa de modos contraditórios, porque ela é contraditória. Se pensa que o mundo hoje é construído a partir da idéia: aqui novamente a contradição.

Heidegger postula uma essência natural no indivíduo onde na verdade se encontra uma produção histórica. A condição humana: isso é uma abstração.

Kant impugnou a ontologia. É a própria lógica da sociedade em que ele vivia que pode gerar esse tipo de concepção. Os desgastes ontológicos estão claros na época de Kant. Não é Kant que tem responsabilidade sozinho: é toda a lógica societária de uma época.

A filosofia é um picadeiro onde os filósofos estão em busca da certeza. O filósofo se mostra como um palhaço atrapalhado na busca da certeza.

Hoje em dia a universidade finge que ensina e os alunos fingem que entendem, majoritariamente.

A sociabilidade é o verdadeiro educador dos educadores. A história objetiva é que resolve os problemas.

Papel da arte: é a elaboração do espírito em que o homem se examina, avalia-se a si mesmo. O que sou, como sou e o que quero ser. Esse é o seu papel: o homem refletindo sobre si mesmo. A arte se tornou divertimento só a partir do século XVIII com a sociedade burguesa. O teatro grego era a forma dos antigos de ordenar a consciência dos homens. A arte é a elaboração do conteúdo da vida sob o ponto de vista estético. É a reprodução da vida esteticamente.

A palavra "greve" e a palavra "capital" são abstratas. Não servem por si só para explicar o que está acontecendo. Erro do marxismo vulgar. Não sabem pensar o ser, na medida em que não se pensa o efetivo.

Na filosofia contemporânea, o interesse imediato é identificado com todos os outros, como se não existisse o interesse social.

Decisões ontológicas são tomadas no cotidiano, incontornavelmente, e viver é fazer opções ontológicas o tempo todo.

Estabelecer a igualdade das culturas é abrir mão da avaliação de qualidade das culturas.

É uma questão ontológica: a democracia não respeita a ontologia.

Uma orquestra sinfônica é superior à orquestra de pífanos de Pernambuco, que é superior à música indígena de apitos e gemidos. Igualar as culturas: democratizar. A democracia não tem como determinar os conteúdos, ela perde de vista o real, ela tem limites intrínsecos insuprimíveis. O objetivo deve ser superar os regimes, passar para uma sociedade em que a tirania do poder não exista mais. No mundo imperfeito só o instrumento imperfeito de ordenação pode funcionar: o poder. A democracia não tem critério qualitativo. Que critério de verdade é esse? "A maioria quer assim": critério meramente quantitativo. Mas além da maioria poder estar errada, como ficam ainda as diferenças qualitativas? A maioria já aceitou que o escravismo foi bom. E o interesse humano-societário? As filosofias de hoje dizem que este questionamento é ainda uma aspiração da metafísica clássica, mas não importa. Loucura ontológica disso tudo!

Os processos sociais têm leis e ordenamentos, mas não seguem nenhuma linha reta, depende de como a atividade sensível é guiada. Só podemos construir uma linha deles por um procedimento abstrato. A sociologia precisa às vezes fazê-lo até mesmo para poder explicar se objeto.

Socialismo não é estatização. Estado e socialismo não coincidem no pensamento de Marx.

Marx não falava em condição humana. Segundo ele a essência humana é o conjunto das relações sociais. E como este conjunto é processual, a essência também é. O modo como o ser social age altera as coisas.

---

## 07 - 08 - 1998

Insensibilidade para a questão ontológica que houve desde Kant. Houve uma perda grave de sensibilidade ontológica neste século até mesmo nos filósofos que fizeram ontologia. A filosofia se viu reduzida, na passagem do século XIX para o XX, a ser uma disciplina como todas as demais, como mais uma disciplina particular entre disciplinas particulares. Teria um objeto específico (o conhecimento) e um método específico (como se proceder para usar o pensamento de modo correto para que o conhecimento seja verdadeiro). Este é o quadro neopositivista, neokantiano. A filosofia desemboca neste único problema: o problema do conhecimento. Como contraposição a isso, na Europa oriental surge a reação metafísica a isso. O precursor dessa revolução metafísica é um autor que adere ao marxismo só depois: Lukács. Lucien Goldmann analisa sucintamente uma obra de Lukács e dia que ele é o verdadeiro precursor da retomada da metafísica na Europa. 1906-1907. "A Alma e as Formas" é

um conjunto de ensaios que põe a retomada da metafísica. A retomada da metafísica é justificada justamente porque a filosofia deixou de lado as questões essenciais da vida, da efetividade.

O neokantismo teve uma clivagem. Uma corrente ficará só com a problemática do conhecimento, considerando o resto pura divagação literária. A outra corrente vai produzir figuras como Cassirer, que pensa que a filosofia não pode se dar por satisfeita em ficar confinada à temática do conhecimento. A Cassirer se deve o reinício de estudos da filosofia renascentista, década de vinte. Um retorno ao ponto de partida da filosofia moderna, e não apenas pensando Descartes e Bacon.

A reproposição da metafísica de Lukács se faz por intermédio da história da crítica literária. A primeira experiência de Lukács: atividade literária teatral. Dramaturgia moderna. A maior parte do que Lukács escreveu esteve em torno da literatura, francesa, inglesa, russa, alemã, etc.. Estética matrizada pelos veios dos fundamentos de Marx. É um trabalho que tem méritos e defeitos. Edição espanhola, 4 tomos. Ética, A alma e as formas: o que é a vida autêntica e porque estamos vivendo uma vida inautêntica, é o tema de um dos ensaios de Lukács nesta obra. Lukács está preso ao impulso de perseguir a elaboração de uma ética. A vida inautêntica foi chamada à baila na modernidade: picaretagem, sempre tirar vantagens. Nos moralistas do início do século XVIII e até mesmo antes, em Dom Quixote, temos o matrizarmento do capital sobre as formas societárias. Com o capital o homem se estilhaça, a vida perde o sentido do humano. O romance moderno como criação da burguesia, cujos heróis, cujas individualidades, que compõem a trama, se tornam sempre problemáticos, e para os quais não há solução. Mesmo quando bem sucedido, ele redundando no desastre. É o oposto do herói antigo, que é uma totalidade acabada, uma perfectibilidade. O herói grego é a síntese do que há de melhor no agrupamento humano, no homem. O herói burguês é o oposto. é aquele que oscila para todos os lados, é cindido, sem cura, sem solução. A compreensão da situação trágica da individualidade humana no capital é percebida pelos primeiros homens: Balzac, Stendhal, Tolstói, Goethe... O grande arcabouço do tecido literário de todos eles é esse: o problema da individualidade que não consegue ser individualidade autêntica. A opção pelo nada de Werther, o suicídio. O romance expressa os afetos irrealizáveis do mundo burguês, que ficam no nível do ideal, o ideal romântico, o imaginário. Dilaceramento da afetividade humana no mundo em que a individualidade não consegue se realizar. Ele dá de cara com o real e não consegue mais plasmá-lo, não se reconhece nele. Segundo Lukács, Goethe é um iluminista rebelado, está na linha de

Rousseau. Não é romântico. Iluminista intransigente em face do desmoronamento do iluminismo. O grande artista é aquele que expressa o que se passa na realidade. A arte não é somente a expressão do sentimento individual. Goethe é um poeta autêntico: expõe a situação efetiva do homem, a realidade efetiva do homem em sua época, sua vida. Ele cristaliza efetividades. O grande teórico do romance burguês foi Lukács. Daí a posição a favor do Realismo em matéria de arte: é uma posição onto-filosófica. O Lukács da [obra] "Ontologia" aparece bem tarde.

Duas razões pelas quais o onto-prático se justifica:

1) Fracasso do ontológico e do epistemológico como posturas teóricas.

2) O fundamento onto-prático não aparece como uma alternativa formal, mas como a existência vital que não pode ser suprimida. Não se trata de uma terceira posição em face de um duplo fracasso de duas bases teóricas. O homem precisa produzir a sua própria vida nas bases materiais sem as quais a própria existência espiritual é impossível. É isso que Marx faz pela primeira vez na história do pensamento. O onto-prático se auto-justifica. É a esfera de efetivação das condições materiais de existência que não pode ser evitado nem contornado por ninguém. É o pensar a partir daquilo que é incontornável: se os homens não produzirem sua vida, física e espiritual, não vivem sua vida.

Em Heidegger e Ricoeur há um pré-teorético, isto é, a pré-compreensão. O pré-cognitivo vive em paralelo ao cognitivo. Entre eles há um vácuo, a ciência para eles é uma artificialidade que não brota do curso da vida.

O onto-prático pensa a espinha dorsal. Não é um pressuposto enquanto uma idéia, é um ponto de partida efetivo. É a instância última, a razão última para além do qual não há mais nada, não há transcendentos. Portanto não é arbitrário, mas absolutamente irrecusável, irremovível. Só a má fé ou a imaginação podem desfazer-se desse pressuposto. Nenhum argumento pode afastá-lo.

**14 - 08 - 1998**

Crítica ao racionalismo:

Leibniz critica Descartes. O lugar de chegada dessa crítica é o onto-prático. Críticas clássicas de Leibniz e Hobbes a Descartes. Mas Hobbes tem uma base irracionalista muito forte. O homem natural de Hobbes é irmão do cogito. Rosseau vai extrair o oposto. O homem natural é deixado a si mesmo: ele propende para a extinção. As teorias destes filósofos são límpidas,

transparentes como o cristal, isso dá uma impressão psicológica de um conforto íntimo. Mas não passam de abstrações, com a vantagem de serem uma ilusão que nos deixam satisfeitos em sentir-se de posse da certeza. A certeza das evidências primárias é ilusória, ilusão que pode ser posta em dúvida bastando submetê-las ao crivo da efetividade.

A dúvida hiperbólica foi unilateral, e não o que ela pretendia ser, geral. É a certeza de um plano que fica só no sujeito. Não relacionam o sujeito com o objeto. É a evidência de uma tautologia que se passa no plano puro do pensamento. O predicado duvido já está no eu duvido. Eu=Eu. Quem existe? É puramente raciocinado. Não uma individualidade que pensa. É um eu desencarnado sem a solidez das entidades efetivas. Não tem efetiva existência enquanto realidade independente. Essa fortaleza é de uma incrível fraqueza. É algo que depende de alguém que está pensando. A noção do ser deve corresponder precisamente ao oposto: como algo que subsiste por si. Leibniz faz a distinção de certeza psicológica e certeza ontológica.

Descartes quer pensar a efetividade. Ele tenta chegar às coisas mesmas. O mundo real da feudalidade está sendo transpassado por uma dissolução: gestação de um novo mundo, Descartes faz parte deste novo mundo já configurado. O mundo anterior (feudal) geria um mundo limitado, um mundo menos generoso e menos prospectivo. Mundo fechado cuja ação é demarcada por estreitos limites. As condições estão dadas, independentemente das individualidades e estão postas para todo o sempre por uma entidade transcendente, Deus. O homem medieval vive esse mundo, fechado a todas as possibilidades do homem. Mas tem também a emergência do reconhecimento da individualidade na sua proto-forma.

Antigüidade: o indivíduo oscila em torno do verdadeiro e do falso. Se ele sabe, ele está no verdadeiro; quando ignora, está no falso. Idade média: a harmonia é dada por Deus e o homem é criatura de Deus e tem livre arbítrio. A noção cristã de livre arbítrio é muito importante para a configuração da individualidade. Feuerbach: a relação homem-Deus é inversa. O céu é a projeção da terra no transcendente: isso é alienação. Na medida em que se supera o limite da Sagrada Família, eu tenho de passar para a família real, terrena, efetiva. Alienação (religiosa): eu me separo das minhas melhores qualidades, projetando-as no céu. Eu tenho de entender por que um projeto real de vida projeta um significado ideal transcendente de viver. Feuerbach queria fundar uma religião em que o homem se tornasse Deus, realizando-se na terra.

O iluminismo não conseguiu sair do mundo da razão por motivos históricos. Não era o pensamento capaz de ser delucidador de efetividades. O marxismo explica-o historicamente.

Na idade média a razão se declina, a teologia rege a filosofia, a razão deve se submeter à fé. Com os racionalistas modernos a razão volta à tona. Dimensão instrumental da razão. A grandeza da razão: ela é interessada sim. Não há do que se envergonhar disso.

Giordano Bruno: o homem é um infinito dentro de universos infinitos. É uma projeção racionalista afirmando duas infinitudes. Em sua natureza biológica o homem é finito (morre, padece, carece de objetos, é determinado geneticamente), mas socialmente é um infinito, é genérico. O homem social é uma infinitude num relacionamento social, ele se relaciona com a infinitude dos homens do presente, do passado e até do futuro potencial.

Chasin está seguindo o roteiro da Ideologia Alemã.

Descartes e Berkeley são o prazer de ser burguês. Negam o mundo mas querem desfrutar dos bens materiais. Eis o novo modo de vida da modernidade. Vida inautêntica.

A ontologia é uma esfera muito complicada de ser estudada. E o curioso é que ela é da ordem do óbvio. No campo da ontologia as coisas são mais óbvias e as complicações de matriz racional.

A crítica de Hobbes contém a crítica do bom senso inglês face ao delírio francês. Ele fala a Descartes, numa carta, de seu delírio despregado da efetividade, iludindo-se em pôr o fundamento seguro. As discussões Mersenne com Descartes também tem críticas a Descartes.

Leibniz: renovação da metafísica clássica. É o ponto final da metafísica clássica e sua renovação. Wollf não agrega nada ao pensamento de Leibniz, mas sintetiza: é a síntese mais acabada da metafísica tradicional, mais do que a do próprio Hegel. É altamente relevante esse trabalho de Wollf.

É em face aos dois que Kant fará a crítica da metafísica tradicional. 1714: Monadologia foi redigida. Só veio a ser publicada em 1840. Matéria, espaço e tempo não existem em si para Leibniz. São dimensões, atributos. As particularidades para ele são apenas lógicas ou pontos metafísicos, chamadas mônadas. O sensível é só a representação. O ser está escondido no sensível como uma alma. Só há realidades lógicas e pontos metafísicos. O sensível assusta a filosofia desde o começo. A história da metafísica e da ontologia mostra a grande dificuldade sobre o pôr as mãos sobre o sensível. Isso é a tradução filosófica do que os homens sentiram e vêm sentindo ao lidar com a efetividade. Hoje os homens não querem suprimir a efetividade, mas são obrigados a um salto

mortal, por incapacidade, que consiste em desqualificar a efetividade: pensar as coisas é pensar contra as coisas. Por que é tão difícil? É porque o sensível é a forma de ser mais complexa que existe. Mas a entificação mais complexa de todas é o homem, pois ele inclui a consciência. Ser é ser sensível, pensamento é atividade de um ser. Com o sensível, eu tenho o ser na riqueza máxima possível de atributos. O pensamento é simplificação do ser sensível. Ele é mais simples do que as coisas efetivas. As regras formais são figurinhas da consciência.

A razão hegeliana é um primo torto do cogito cartesiano, logos desencarnados. Toda a natureza é a alienação da razão. Com Lukács o marxismo vira um hegelianismo. Marx não quer ser sistemático, pois seria anti-científico, seria bloquear a infinitude de significação dos objetos. Hegel: o finito depende do infinito. Marx: o infinito depende do finito.

O valor (teoria do valor) não tem corpo nenhum, não é material: é uma figura socialmente engendrada e é objetiva. É uma objetividade espectral que no entanto move o mundo concreto, o mundo do capital.

Os tomistas da época de Hegel impugnam Hegel, claro que por motivos retrógrados. Eles não aceitam a lógica de Hegel justamente porque este não distingue objetividade de subjetividade.

A analítica das coisas é a "metodologia" de Marx. Não é uma analítica do pensamento. Método em Marx são os movimentos ontológicos do real. Marx não tem nenhum conjunto de regras estabelecidas para conduzir a razão. Descobrir o método de Marx para a compreensão capitalista é o objetivo da Analítica Paulista. Viés epistêmico. Marx quer uma ontologia do ser social, mas Giannotti busca o entendimento do capital pela via torta da epistemologia. Confusão absoluta. O princípio científico marxiano supõe a subordinação ativa ao objeto. Eu deliberadamente me submeto a ele para delucidá-lo. Marx diz que não parte de conceitos, mas de objetos (1882). O segredo do saber está no objeto, saber é saber do objeto. O método significa uma organização prévia da subjetividade, posição a priori do entendimento. Mas o procedimento de Marx é de natureza ontológica e portanto não apriorística. Se Marx fosse elaborar uma ontologia sistemático, ele não teria saído da especulação. A ontologia tem de ser consequência do exame científico do objeto.

Lukács, no fim de sua vida, foi quem primeiro sugeriu que o pensamento de Marx é de natureza ontológica.

Realismo clássico: homologia entre ser e pensamento.

Há um realismo natural: não se come o guardanapo e se limpa a boca com o bife. Nas nossas relações com o

mundo sabemos conviver espontaneamente com as coisas, isso é mais ou menos instintivo. Esse é o universo do onto-prático mais primitivo. Ele é certo e limitado. Minha consciência é a consciência do bife, minha consciência é bifal. Há uma inclinação natural e sadia de reconhecimento do mundo. A ciência também é portadora de uma inclinação dessa natureza. Quando o naturalismo transpassa para os lineamentos ontológicos de Marx, nesse caso o realismo ganha a condição de um **realismo crítico**. O realismo não é ingênuo, é natural.

Os idealistas objetivistas (Platão, Hegel) são mais simpáticos que os radicais, pois pelo menos levam em conta o mundo.

**O realismo crítico (Marx) é a transformação do realismo natural em um realismo ontológico.**

21 - 08 - 1998

#### Universais

(O pensamento está embutido no universo onto-prático. Isto não invalida a distinção pensamento / realidade)

Pensar o universal como alguma coisa de um grau só é um mal hábito filosófico. Há universais mais amplos e menos amplos: o universal não é uma totalidade invariável. As noções puras nunca são puras. São, na maioria das vezes, até contraditórias. É preciso distinguir o pensamento na imediatidade do onto-prático das formas superiores (ciências, teorias, etc.) As disciplinas têm, como todas as entificações, nascimento, desenvolvimento e perecimento: processualidade. Nunca trabalhamos com noções simples. O pensamento seria uma tolice monótona.

Passamos agora para a penúltima parte do curso.

Qual a vantagem do onto-prático? São duas.

1) Ele é um suposto real, insuprimível: tudo pode ser questionado, mas não posso questionar que estou diante de homens vivos e ativos. É o reconhecimento de um óbvio. Na supressão dessa evidência, enveredamos pela fantasia, pela abstração vazia. Essa evidência, agora no plano do raciocínio, é uma evidência refinada do que praticamos na realidade, no cotidiano.. O plano do abstrato vai se afastando do imediato na medida em que vai se tornando mais sofisticado, na medida em que vai se "autonomizando".

A cabeça é a mão que saca a verdade dos objetos. O resto são imputações da cabeça ao objeto. A razão é a louca da casa: ela pode construir quimeras mas pode também ter lucidez, retidão. Grandeza e miséria são comuns à filosofia por razão, entre outras coisas, da sua radicalidade, o plano abstrato que ela é obrigada a manipular. O pensamento lida com o infinito, mas ele é sempre de natureza finita: esbarramos com uma contradição. E a contradição tem de ser sempre jogada para frente. Abraçar mentalmente o objeto é desvendá-lo, é um processo permanente.

Os entes sociais são evanescentes. Não têm o estatuto inquestionável do mundo natural.

Reprodução. O posto é permanentemente repostado. As idéias são produzidas e necessitam, pela sua própria natureza, serem novamente reproduzidas, até porque, não sendo assim, nós vamos esquecendo-as paulatinamente. O conhecimento efetivo do objeto tem de ser reprodução constante do objeto.

No ato mesmo de pensar, o próprio modo de pensar vai descobrindo a melhor maneira de pensar: não há regras, método a priori de como ter a chave mágica para explicar o objeto.

Não existe história como entidade, a não ser que se trate de uma concepção especulativa. A história é apenas o conjunto dos movimentos da atividade humana, fora disso a história não é coisa alguma. Não existe em Marx filosofia da história.

---

**28 - 08 - 1998**

Se se toma a dialética como um *modo de pensar*, e não como uma lógica da realidade, então opomos dialética a materialismo.

Marx nos artigos de 1842 (Marx pré-marxiano): o homem é dotado de espírito livre e racional. Ele tem como base essa racionalidade, como sua determinação essencial. A plena realização do homem não é senão a realização desse atributo mais nobre e o Estado é concebido como o lugar de realização dela.

O pensamento de Marx que interessa é o que vai romper com isso tudo. O estado é entendido como regulador da atividade humana quando na verdade ele é consequência da atividade humana. Marx, na fase inicial de seu pensamento é ingênuo. É a reafirmação da política como instância plena da realização das qualidades humanas.

(Chasin: todo pós-modernismo é arcaizante, é um recuo no passado.)

Ainda sobre o Marx de 1842: não é o desdobramento da Idéia de Estado que Marx supõe. Mesmo o Marx da fase

idealista não manuseia as idealidades abstratas do Estado como emanção da idéia. De Hegel, Marx retém o panorama histórico, e não a idealidade abstrata do espírito que se desdobra na história. Marx compreende a racionalidade dos indivíduos particulares.

(Marx se coloca contra a propriedade dos meios de produção, não contra a propriedade tout court.)

1843: Marx rompe com seu pensamento anterior.

O Estado é visto como dispositivo ilusório de comando dos indivíduos. Mas aparece como ilusão necessária, essencial para acoimar as contradições da sociedade moderna. Marx nota que aquela noção de Estado e sociedade é irreal. Ele vai para a casa da sogra, casa de veraneio, e põe-se a estudar a filosofia de direito de Hegel.

**É possível pensar o país a partir do aparato teórico abstrato do primeiro Marx idealista? resultaria um absurdo! Os que tentam fazê-lo hoje estão 150 anos atrasados.**

Ninguém reconhece na burocracia brasileira o lugar da universalidade da razão, mas o delírio do Marx menino é praticado nos nossos dias. Absurdo! Anacronismo! Corrupção arcaizante!

Nelson Rodrigues confundia a esquerda efetiva, a verdadeira, com a que está aí na praça, que vigora.

Teólogos da Libertação. Declínio total. Sem-terra: movimento arcaizante, defesa da tradição e da hierarquia. O assentamento de terra é algo feudal. Leonardo Boff: pior estirpe teórica em relação aos quadros da realidade mundial. Política é troca de benefícios. Quem não *barganhar* não ganha. Uma ponte em troca de um voto. Não se vota por ideologia ou valores, não se vota pela verdade. A democracia não joga em torno da verdade. Quem queria fazer democracia em torno da verdade era Platão.

Sistemas de idéias são fundamentais para se pensar o país, mas o objeto -país- é de uma complexidade infinita. Não é possível construir uma física, uma química, uma biologia do país. O objeto é um composto de fatores múltiplos e contraditórios. Mas só pensamos o objeto através de um sistema de idéias. O país é um complexo real: Estado, sociedade civil, economia, política, classes ... Chamemos este conjunto de **formação real**. Distingamos este conjunto de sua **formação ideal**, que é outro conjunto, outro complexo. Complexo de idéias.

Dois âmbitos da formação ideal:

1) âmbito da consciência espontânea ou da consciência da cotidianidade. A consciência cotidiana é uma formação espiritual que não nasce de uma colocação deliberada, não é uma ciência. Ela nasce espontaneamente no seio do onto-prático. Brota da vida, da atividade sensível corriqueira. Ela é muitas vezes tomada como

consciência ingênua, mas é com ela que nós nos movemos mesmo sendo um filósofo, um erudito. Ao ter fome, pensamos o alimento. Ela é colada à experiência imediata, ao imediato e por isso ela é certa e percebe imediatamente quando erra. Ao bater o prego erradamente, atinjo o dedo e não repito o erro. O erro me torna mais consciente: passo a acertar o martelo com mais firmeza. Tudo isso não passa de consciência da cotidianidade. Cada ato de trabalho, ato que é consciente, leva à abertura do horizonte para novos trabalhos. Seleção de material, modo de operar com o material, etc.. O ato laborativo elementar vai progredindo. Ele pede o progresso. A noção de progresso não é uma invenção da alma: é uma melhora efetiva insuprimível que a prática determina e impulsiona. Mas a consciência cotidiana é limitada: é o conhecimento restrito dos objetos da experiência imediata, mas contém em si o germe de toda expansão dos modos de atividade subseqüentes.

Teologia da libertação: não contém a solução da miséria. A solução da miséria está para além da miséria. Uma categoria social se torna revolucionária não porque tem consciência da miséria, mas porque é poder negativo da miséria. Essa categoria tem de ser *negação da negação*. A consciência da miséria é consciência cotidiana. A consciência que nega a miséria está para além das formas inferiores de espírito.

2) âmbito das atividades superiores do espírito: a filosofia, a ciência, a arte e até a religião, com uma certa restrição: religião elaborada em teologia. As formas superiores consistem na "autonomização" —em relação à imediatez— para poder pensar problemas que surgiram lá na cotidianidade.

Ideologia não é sinônimo de falsa consciência. **Ideologia é uma formação ideal que orienta as atividades práticas.** Neste sentido, filosofia e arte são **ideologias puras** porque não tentam dirigir a prática, a prática imediata. Não têm o aparato prático, não têm os meios para isso.

A filosofia não pode abrir mão da arrogância: a filosofia que não diz para onde, que não aponta o *de onde* e o *para onde* não é filosofia. Filosofia é prática radical e de rigor. O pragmatismo, o ceticismo, o relativismo: desistência de fazer filosofia.

Dar respostas práticas é viver: a vida obriga!

A ideologia não é um gênero de conhecimento. Não é um gênero, mas um momento ideal, momento de consciência, seja ela mais ou menos ligada à imediatez, seja ela mais ou menos despregada da vida imediata.

Lukács: a ideologia está entre a consciência cotidiana e as formas superiores de espírito. Toda

prática humana é mediada pelo momento consciente, pelo momento ideal. Tudo o que se passa na cabeça é entificação ideal. Não é ser real, mas a entificação de processos mentais. Tudo o que é consciente é ideologia. Ideologia é o onto-nominativo.

Há vínculos dinâmicos ente os gêneros superiores do espírito e a consciência cotidiana. Os problemas só podem surgir no cotidiano, mas a cotidianidade é limitada. A raiz está sempre no onto-prático. Mas o engendramento das formas superiores abre espaço para uma certa autonomia das formações ideais, mas sem cortes radicais e absolutos com a matriz. As formas ideais jamais podem ser entificações auto-sustentadas. Autonomização aqui não significa desvinculação da atividade superior do espírito da prática cotidiana, mas certo afastamento necessário. Claro que na autonomização vão surgindo problemas que se desdobram no exercício interno das atividades teóricas, que não podem ter, naturalmente, uma relação imediata com a prática. Mas nunca perdem seu solo, sua referência.

Na investigação tradicional da objetividade se perseguiu o *por detrás*, o *em si* (abordado de maneira negligente por Kant) ou o *caroço*, a substância (Aristóteles). Mas de uma maneira desastrada. O objeto é o seu próprio núcleo de inteligibilidade. É o onto-prático que contém o segredo específico das coisas, e não a substância, a coisa em si e tantas outras categorias abstratas.

Marx não disse que a idéia é um epifenômeno: infra-estrutura / super-estrutura. Mas colocou que o ser engendra formas de pensar, e não o contrário. É totalmente diverso. A atividade sensível, o trabalho, contém o momento ideal. A relação entre estrutura e infra-estrutura são os nexos ontológicos entre ser e pensar. Trata-se mais de uma relação intrínseca entre atividade sensível e consciência.

Toda atividade humana tem a característica de ser pré-configurada na mente. Lukács chama isso de momento teleológica.

---

**11 - 09 - 1998**

O empirismo "puro" não existe. Sempre existe algo do pensamento misturado à experiência. Bacon jamais eliminou a razão do ato cognitivo. Ele preserva uma forte presença da racionalidade no processo cognitivo. A epistemologia, ao se voltar totalmente para o sujeito, cai em aporias insolúveis.

Pensar um país é pensar suas formações reais e suas formações ideais.

A consciência cotidiana é capaz de corrigir rapidamente seus erros e aperfeiçoar sua prática pela reiteração das práticas. Tentativa e erro e acaba gerando habilidades, talentos. O ato de trabalho é direcionado para certos objetivos e depende da natureza do objeto no qual a atividade se plasma. Esses atos de trabalho implicam numa progressão. **É impossível anular a noção de progresso. Hoje essa tendência é muito forte. Desconsideração do progresso.** Não existe nada na efetividade realmente estático, puro. As idéias fixas, claras e distintas são um artifício mental que não dizem nada. O real é contraditório, móvel, pulsátil. A filosofia então vive de certas ilusões temporárias – abstrações –, âncoras necessárias do pensar que precisam ser superadas no próprio processo do pensar, chegando ao concreto pensado, purgando cada vez mais as puras abstrações do pensamento, sendo pensamento da efetividade.

O homem primitivo vivia da coleta seletiva. A passagem para a agricultura: é impossível chegar à noção de semente pelo exercício da razão pura a priori. Foram precisos milênios para que isso pudesse ser apreendido pela humanidade. A consciência presente no ato laborativo mais primitivo, mais elementar é limitada, imediata. O trabalho no campo, no sentido estreito, é pobre: homens trabalhando isolados e repetindo o mesmo ato. Trabalho próximo da natureza, pouco elaborado, muito pobre.

O animal não trabalha, ele exerce uma atividade física. Ele faz o que está geneticamente programado. O homem trabalha, o animal exerce atividade. O pior dos arquitetos trabalha, a melhor abelha não trabalha. O arquiteto, antes de realizar seu trabalho, tem na cabeça a representação do que vai fazer.

Querer não é poder e ao mesmo tempo é. Em sentidos diferentes.

Eu não posso designar um singular a não ser através de um universal. O universal *semente* serve para todas as sementes.

Divisão social do trabalho: separação entre trabalho manual e trabalho mental. Começam a surgir as formas superiores do espírito.

Dentro da lógica do capital, o salário é justo: é o valor da força de trabalho, é quanto realmente custa a força de trabalho. O burguês não é um ladrão porque paga pouco. O fato é que a força de trabalho é uma mercadoria especial: ao ser posta em movimento gera mais valor que ela tem. Não é como o milho que apenas transfere para a pipoca seu exato valor de milho, nem mais, nem menos. A força de trabalho que junta o saco de pipoca, o tempero,

o milho, é maior que o dinheiro gasto no milho, nos saquinhos, etc.. É uma relação de desigualdade, o capitalista se apropria disso.

Níveis de alienação (Manuscritos Econômico-Filosóficos): alienação do trabalho, do gênero, do produto, etc. (são 4 níveis de alienação). Estilhaçamento da individualidade: o trabalhador começa a competir com o seus semelhantes.

Há professores de filosofia inocentes, mas a filosofia não o é. Ela não é apenas uma reflexão crítica, mas também um proponente. Não realiza as soluções práticas porque ela não tem aparato para isso. Mas só a partir dela é que pode surgir a boa prática. A filosofia tem a prerrogativa de tentar estabelecer os grandes indicativos. É o único lugar onde a decifração do que é indica o *para onde ir*.

A primeira pergunta para se pensar o país é universal: em que momento histórico vivemos?

No capitalismo o trabalho é livre, no sentido de que a atividade não se fixa num modo determinado. Eu posso trabalhar no escritório, na fábrica, na universidade. Nas outras formações societárias não ocorre o mesmo.

Haverá sempre trabalho em qualquer sociedade: o que muda é só a forma do trabalho a forma do trabalho de época para época.

Tal qual os homens produzem seus meios de vida, assim eles são.

---

**18 - 09 - 1998**

Face a uma nação, o que deve ser visto em primeiro lugar? Como a população vive —a produção e reprodução da riqueza. Em que modo de produção essa sociedade se encontra? É a primeira pergunta para se pensar um país. E a resposta será genérica: a forma de produção que perfila a produção esmagadora maioria dos países de hoje é o capitalismo, mas em graus diversos para cada um deles. Discutir o que foi o capitalismo foi uma tarefa complexa desde Marx: o que é a forma de produção capitalista. A Inglaterra era o modelo desse sistema societário. Capital não é só dinheiro e nem qualquer dinheiro. Ver a dinheiro da antiguidade. Dinheiro é mercadoria universal: valor que se troca por qualquer valor. A vida no capital é determinada e controlada pela lógica do valor. O típico do modo de produção capitalista é o elemento urbano-social e o assalariamento é a forma universal: vendo força de trabalho e emprego força de trabalho. A força de trabalho vale o custo de sua produção (energia física e

mental que o trabalhador emprega). E do ponto de vista da lógica do sistema o trabalhador ganha o que vale sua força de trabalho. Todo capitalismo é injusto, não só o do terceiro mundo.

Não é uma questão de *política* a distribuição de riqueza, é uma questão da forma de produção e reprodução social.

Como se produz hoje? Primeiro se pergunta: qual é a faixa de sociedade que pode comprar a mercadoria x ? A partir disso eu calculo o valor da mercadoria e coloco no mercado. Eu parto das necessidades do mercado. Eu não calculo primeiro o preço e depois vejo qual mercado poderia comprar minha mercadoria. O princípio geral é pagar por cada mercadoria o seu valor e esse valor deriva dos custos de produção. Capital fixo: quanto se gasta na produção. Capital: salário. O salário não é uma questão política: a ciência da Economia Política acreditava que era. Não é por uma generosidade política que os trabalhadores vão ganhar com igualdade.

Capitalismo: propriedade privada não é o ponto de partida, o trabalho alienado é que é o ponto de partida.

Brasil do início deste século. Classes sociais: o exército cheio de engenheiros filhotes de Comte. Positivismo. O positivismo é a consolidação da ordem do capital. Esta classe social se embebe da mentalidade europeia do final do século XIX. O Estado Moderno surge pela via conservadora. O Brasil sempre transita pela via conservadora. Nunca houve uma revolução aqui. Mas também não na Inglaterra: as mudanças acontecem do alto para baixo em todos os domínios.

Década de 30: nasce a consciência de que a indústria é sinônimo de desenvolvimento econômico. O Estado tenta produzir uma classe de capitalistas transformando fazendeiros em empresários do café. Primeiro marxista efetivo da época, primeiro historiador marxista, 1934: *Caio Prado Júnior*. Alguns livros sobre o Brasil Colônia: dilucida o que é o modo de produção social colonialista. Isso é inaugurado por Caio Prado Júnior. O segundo é *Fernando Novaes*. Entra em polêmica com Caio Prado. Já estamos no período da Analítica Paulista. Caio se diferencia do PC brasileiro mas militou no PC. Se não fosse Caio Prado Júnior, Chasin não chegaria a pensar o colonialismo como ele pensa. Ainda temos *Nelson Werneck Sodré*.

Caio Prado escreve "A Revolução Brasileira" com o golpe de 64. Nessa época já estava em pleno desenvolvimento a Analítica Paulista. Toda a analítica Paulista escreve mal porque a analítica anterior se preocupa muito com a forma (fins da década de 50, nasce a AP).

Seminário sobre O Capital. O debate foi acirrado entre Giannotti e Bento Prado. Giannotti pensa que O Capital tem que ser lido como qualquer texto de filosofia, mas Giannotti seguia a leitura epistemológica. Giannotti acaba vencendo este debate (predomínio do viés epistêmico para ler Marx). Nasce a idéia de fazer um acerto de contas com o pensamento de Marx: Giannotti, Fernando Henrique Cardoso, ... Para Giannotti o método é o segredo de todo e qualquer texto. A "lógica" de Marx é voltada para compreender a sociabilidade, é a lógica aplicada à sociabilidade. Estudar Marx a partir da lógica hegeliana. Então o problema consiste em saber como a dialética idealista pode ser materialista. Para conhecer a doutrina é preciso primeiro ter o método estabelecido com rigor. Essa é a postura da AP.

Para Giannotti, o primeiro Marx seria o pensador de uma antropologia feuerbachiana, essencialista. Na verdade, o jovem Marx já é um autor da ontologia do ser social.

Giannotti tenta extrair do Marx duas coisas: 1) qual é o método de Marx; 2) qual é a teoria d'O Capital. O Capital seria uma teoria e haveria um método. Bento Prado tenta uma via sartreana: privilegia o tema da alienação em Marx. Giannotti sempre polemizando com ele, vem na linha clássica mais tradicional. Sartre tenta colocar o existencialismo dentro da esteira do marxismo, que segundo Sartre é a filosofia insuperável do nosso tempo.

Fernando Henrique entra como sociólogo preocupado com o desenvolvimento brasileiro e vinha defendendo uma tese ótima sobre o escravismo meridional. Mas é um livro de tempero **weberiano** para a política e marxista para entender a ordem do capital. FHC tem a vocação do cientista e do político. O livro sobre a Dependência fez dele famoso, mas é muito mal elaborado. Defendia aí que é necessário fazer a revolução burguesa no Brasil para deixar a estrutura atrasada e romper com o imperialismo, ganhar autonomia. Esse é o ideal da esquerda de 60. A ênfase metodológica de Giannotti passa para FHC.

Já na década de 50 todos os integrantes da AP deixam o PC. E as idéias da AP ganharam o país e são a interpretação de Marx predominante até hoje. Dois traços fundamentais da AP: 1) o método em Marx; 2) A questão da revolução social. Eles eliminam a parte ontológica: isso faz Arantes, e isso implica na eliminação da reflexão sobre o humano e sobre a revolução. Ambas ininteligíveis fora da dimensão ontológica.

Quadrúpede teórico da AP:

1) teoria da Dependência; 2) do populismo; 3) do autoritarismo; 4) da marginalidade.

A AP é o único grupo de intelectuais e de um sistema de idéias, de professores universitários que chega ao poder. Isso é único no mundo inteiro !

Chasin foi o primeiro crítico da teoria da dependência de FHC.

Antes de chegar à equação ontológica, Chasin chega aos seus resultados sem ter ainda figurado a sua abordagem ontológica de Marx. Chasin vem criticando, mas admirando também a AP.

Não se pode entender hoje um país só pela sua dinâmica interna. Globalização.